

JORNALISMO, MEDIAÇÕES E REDES: a circulação como objeto emergente¹

LE JOURNALISM, LES MÉDIATIONS ET LES RÉSEAUX: la circulation comme l'objet émergent

Antônio Fausto NETO²

Universidade do Vale do Rio dos Sinos | Brasil

Resumo

O artigo ancora-se em autores clássicos da comunicação e do jornalismo para traçar reflexões sobre a sociedade dos meios e vincular contribuições recentes sobre a sociedade em vias de midiatização a esses contributos clássicos. No centro desta comunicação está a circulação que, na era digital, aflora como uma instância em que o acontecimento produz-se e coproduz-se, afetando sobremaneira as instâncias jornalísticas convencionais, da produção e da recepção. Em sintonia com o tema central do Sinjorp – “Simpósio Nacional sobre o Jornalismo profissional e o ensino universitário na era da convergência”, o artigo propõe um conjunto de questões para pensar a formação universitária, a pesquisa acadêmica e o lugar do jornalista como agente de mediação.

Palavras-chave

Jornalismo; Discurso; Circulação; Acontecimento; Midiatização.

Resumé

L'article s'ancre dans la perspective des auteurs classiques de la communication et du journalisme pour dessiner des réflexions sur la société des médias et relier les contributions récentes sur la société en cours de médiatisation à ces contributions classiques. Au cœur de cette communication se trouve la circulation qui, à l'ère des réseaux, émerge comme un exemple dans lequel l'événement se produit et co-produit, affectant grandement les instances journalistiques conventionnelles de production et de réception. Aligné sur le thème central du Sinjorp – «Symposium national sur le journalisme professionnel et l'enseignement universitaire à l'ère de la convergence», l'article propose une série de questions sur la formation universitaire, la recherche universitaire et la place du journaliste comme agent de médiation.

Mots Clés

Journalisme; Discours; Circulation; Événement; Médiatisation.

RECEBIDO EM 20 DE NOVEMBRO DE 2017
ACEITO EM 05 DEZEMBRO DE 2017

¹ O presente artigo resulta de conferência proferida por ocasião do “Simpósio Nacional O Jornalismo Profissional e o Ensino Universitário na Era da Convergência, Práticas Processos e Produtos”, realizado pelo Programa de Pós-graduação em Jornalismo da UFPB, no período de 20 a 22 de novembro de 2017.

² Doutor em Sciences de La Communication Et de L'information - Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales, França (1982). Pós-doutor pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1990). Mestre em Comunicação pela Universidade de Brasília (1977). Pesquisador 1A do CNPq. É autor e organizador de livros como: “O impeachment da televisão” (1995), “O mundo das mídias” (2004) e “Interfaces jornalísticas: ambientes, tecnologias e linguagens” (2011). Contato: afaustoneto@gmail.com

Uma breve Introdução

Tendo em conta o tema que foi proposto, *O Jornalismo como narrativa do presente*, entendo ser necessário retomar as questões que se reportam às condições de exercício da atividade do campo profissional e também da atividade da formação universitária. Nesse contexto, coloca-se como uma das questões de importância o tema da discursividade. Portanto, o jornalismo, enquanto atividade que tem como uma das suas características centrais o problema dos modos de dizer, os seus modos de enunciar para a sociedade.

Começo fazendo uma breve alusão a obras acadêmicas mais ou menos recentes, cujos conteúdos destacam a importância dos meios de comunicação na sociedade. E o faço por uma razão muito simples: para que tenhamos em mente que não estamos inventando a roda. Muitos nos precederam e é importante que tentemos restabelecer para o nosso dia-a-dia, para nossa rotina, para o nosso manual de bordo, as referências de muitas vozes que constituíram, vamos dizer assim, o arcabouço referencial desse trabalho que a universidade faz, que o mercado faz, que os pesquisadores fazem, igualmente.

O sociólogo inglês Antony Giddens chama atenção para o fato de que os meios de comunicação se constituem na sociedade como uma espécie de “porta de acesso” dos cidadãos aos sistemas sociais, operando como elemento redutor de complexidades geradas pelo funcionamento de outras instituições (GIDDENS, 1991). O sociólogo português Adriano Rodrigues, ao escrever sobre a atividade do campo dos *media*, argumenta que uma de suas características centrais se destaca pelo trabalho de superintender as relações entre os demais campos sociais, bem como a sua importância para o que chama de gestão e de regulação da vida social (RODRIGUES, 1996). O historiador e jornalista norte-americano, Robert Darnton, sublinha a autonomia que o campo jornalístico desfruta na construção da noticiabilidade, a qual depende diretamente das atividades que se passam em suas fronteiras, destacando que sua hipótese “jornalismo, toda notícia que couber, a gente publica” (DARNTON, 1990) refere-se ao fato de que lógicas e regras sobre as quais repousa o engendramento da notícia depende mais de referências internas aos meios do que outras que procedam de universos externos.

O semiólogo argentino Eliseo Verón valoriza em suas reflexões a dimensão interacional entre os meios e o tecido social, enfatizando que a mídia jornalística se constitui numa espécie de ‘elo’ entre ela e as

instituições sociais, e que os jornalistas seriam uma espécie de 'guardião do contato' para assegurar a efetivação de tais vínculos (VERÓN, 2002). Em diálogo com o conceito de agenda, Jean Charron (2004) explica que o protagonismo das mídias jornalísticas não se faz pelos efeitos da *agenda setting*, mas pelo que chama de 'transação de agendas'. Por fim, o sociólogo alemão Niklas Luhmann lembra a dimensão referenciadora que os meios apresentam ao propor que "o que sabemos sobre o mundo, sabemos por causa dos meios de comunicação" (LUHMANN, 2004).

Estes autores vão nos ajudar na reflexão aqui proposta pelo menos por duas razões: em primeiro lugar, como frisado inicialmente, porque as rodas não estão sendo inventadas agora. E em segundo lugar porque estão falando sobre a especificidade da nossa matéria de trabalho, a comunicação social, ao chamar atenção para a competência dos meios em fazer um trabalho que se volta para oferta de mensagens, especialmente aquelas que envolvem o jornalismo. Suas reflexões se situam em um contexto que nomearíamos como o da 'sociedade dos meios'. Ou seja, aquela que se caracterizava pela existência e ação dos meios, enfatizando as estruturas, as funções, as modalidades através das quais os meios teciam e ofertavam 'realidades' para leitura/consumo da organização social. Estamos falando particularmente de estudos que, inspirados em várias 'escolas', apontam a singularidade do campo jornalístico como uma instância mediadora, encarregada da produção sistemática de um intercâmbio entre as instituições e os atores sociais.

Portanto, uma primeira consequência a tirar das afirmações dos atores mencionados é o reconhecimento da especificidade do trabalho tecno-simbólico feito por esta modalidade de comunicação midiática cujos *experts* operam a partir de idealidades próprias, como regras, rotinas, procedimentos, deontologias, etc. Aspectos que, na sociedade dos meios, ainda que fossem também atravessados por contributos de outras instituições, eram manejados nas próprias fronteiras do campo midiático, especialmente a prática jornalística. Ou seja, a complexa transformação do fato em notícia, pressupunha a mediação de técnicas, valores e estratégias que, manejadas por uma atividade mediadora, cuidavam de transformar temporalidades em relatos, em construções que poderíamos chamar de atualidade jornalística.

Os estudos acima indicados estiveram, de alguma forma, preocupados com o problema da autoria, especialmente dos processos observacionais através dos quais 'técnicas de codificação', de várias naturezas, eram ativadas como tentativas de produzir referências sobre a

realidade. Portanto, a transformação do fato em notícia significava a mediação de um processo através do qual o jornalismo apontava modos de falar do real. Tratava-se de uma performance que implicava um procedimento metódico que envolvia, dentre outros aspectos, o problema da narração.

E, neste contexto, vêm à tona várias modalidades de narrativas: a fórmula do *lead*, a do *'new journalism'*, a do jornalismo de autor, a inspirada pelos manuais de redação, e outras tantas, como, por exemplo, as narrativas que resultavam da complexidade da enunciação no ambiente da sociedade em midiatização, conceito a ser tratado logo em seguida. São técnicas que, no sentido largo, estavam associadas a protocolos metodológicos que eram formulados em contextos mais distantes, os das ciências sociais, hermenêuticas e das linguagens. Ou seja, o narrar jornalístico esteve sempre vinculado às questões colocadas também por outras disciplinas, especialmente aquela que interrogava como dizer, como nomear, como ler o real.

Ressonâncias destas disciplinas impregnam o jornalismo atribuindo-lhe as noções de *'quarto poder'*, *'campo'*, *'sistema'*, noções estas que aludem à atividade sistemática feita pelo jornalismo através dos seus especialistas, segundo regras técnicas e princípios éticos-deontológicos-culturais, etc. Para ilustrar, designações são feitas sobre a natureza do jornalista e do trabalho. Dentre estas, a bela imagem sugerida por Mário Mesquita ao nomeá-lo como um trabalhador simbólico (MESQUITA, 2002).

O que desejamos enfatizar é que os processos que organizaram esta longa atividade de nomear o real passam por transformações, algumas delas de caráter interno, mas principalmente aquelas que envolvem a transformação da *'sociedade dos meios'* na *'sociedade em vias de midiatização'*. Não se trata apenas da transformação do ato observacional que envolve a *'metodologia'* jornalística, mas dos efeitos da transformação da *'sociedade dos meios'* sobre a *'sociedade em processo de midiatização'*, efeitos estes que afetam, antes de tudo, a própria organização bem como as discursividades sociais.

O que distinguiria estes dois períodos de sociedade? Em termos didáticos, e de modo rápido: a primeira é caracterizada pela existência dos meios e pela atividade central que estes teriam sobre o tecido social, no sentido de organizar a interação, tematizar assuntos sobre seu funcionamento na gestão e regulação dos tempos e espaços da sociedade. Já a *'sociedade em vias de midiatização'* entende-se por aquela na qual se

dá um intenso e extenso processo de transformação de tecnologias em meios, que afetam todas as práticas sociais, ainda que de modo diverso.

Numa e noutra observam-se transformações na própria 'arquitetura comunicacional'. Na primeira, fluxos informacionais centrados em estruturas de um determinado campo – o dos *media* – que operava como um mediador, segundo trabalho dos seus *experts* (os jornalistas), visando à institucionalização de intercambialidades centradas em 'contratos' e competências discursivas. Dizendo de outro modo, as condições que presidiam a codificação jornalística no sentido do trabalho de transformação do fato em acontecimentos passavam, diríamos, de modo exclusivo, pelas ações que seriam tecidas no âmbito deste campo, segundo fatores que impunham a questão do seu reconhecimento, por parte da sociedade.

A noção atribuída à gestão do processo de transformação fato/notícia passava pelo reconhecimento das marcas e emblemas emitidos por este campo, sob determinadas condições. Ou seja, implicava a existência de um determinado ritual que preconizava uma atividade rotineira na sociedade, a partir de âmbitos produtores e da disseminação da informação para outros, cuja espera seria sempre equacionada pelo aparecimento da edição diária do jornal, das emissões de rádio e TV, que guardavam com o leitor, por assim dizer, regularidades de contato e de persistências.

Este longo momento desta sociedade tem a ver com aquele contexto do que se nomeou como o da 'multidão solitária'. Ou seja, as antigas massas e multidões, que na sociedade industrial se constituíam numa espécie de 'coletivo' que não se contactava entre si colateralmente, mas que se vinculava numa relação direta com as tecnologias convertidas nos grandes meios de comunicação de massa. Não é em vão que estas tecnologias foram designadas pelo clássico estudo do sociólogo belga Roger Clause como de 'técnicas de difusão coletiva' porque delas passavam a depender as interações entre as instituições e os indivíduos, especialmente o que ele chamava de 'audiências efetivamente atingidas'.

São tempos em que surgem conceitos correlatos como 'comunicação de massa' e 'comunicação social' para chamar atenção para a existência de um protocolo de comunicação centrado em um processo de irradiação, de emissores institucionais para as multidões, opinião pública, etc, cujos efeitos do seu processo circulatório seriam avaliados por *feedbacks* regulatórios.

Voltando aos autores acima citados: seus escritos se reportam a este momento que nasce bem nos primórdios e avanços da sociedade industrial. Chamam atenção para o surgimento e os efeitos de técnicas que, ao se interporem nas interações entre os indivíduos, inauguram inapelavelmente outras rotinas de contatos, de tempos, sistemas de referenciamento, com a substituição dos velhos pelos novos narradores (BENJAMIM, 1996).

Resulta deste longo processo, o aparecimento dos 'papéis efêmeros': folhetos, almanaques, etc como primeiros meios, que depois dão lugar aos novos meios e seus operadores (jornalistas). Surgem as *gazetas*, os periódicos, o jornal do dia, os meios audiovisuais e, como consequência desta experiência cultural e civilizatória, as redes em irrupção. Tal evolução nos instala na 'sociedade dos meios', aquela configurada pela força da técnica, destaca o jornalismo como um lugar de mediação. Mas é dela que damos um salto qualitativo que parece estar apenas no seu início, que implica a permanência do jornalismo, mas sua imersão em profundas transformações, igualmente, em gestação.

Este longo período nos instala no colo de uma mutação: a intensificação de tecnologias transformadas em práticas de produção, de circulação e de recepção. E, particularmente, a transformação de técnicas em meios. Vivemos este cenário, cuja existência é um pouco superior a 40 anos, tempos que datam o surgimento da internet. Neles desponta a sociedade em vias de midiaticização.

Como definição provisória, a sociedade em midiaticização é aquela na qual as técnicas de difusão não teriam mais uma centralidade, na forma de meios de comunicação, pelo fato de que cultura, lógicas e operações suscitadas por tecnologias se expandiam para manejo de toda a organização social. As realidades de instituições e atores sociais são permeadas por novos fluxos, transformando a noção de vínculo social bem como dos *feedbacks* regulatórios em outros *feedbacks* complexos e não-lineares.

Transformações afetam a identidade e as fronteiras dos campos sociais cujas interações deixam de construir, de se fazer em velhas deontologias e passam a ser substituídas por injunções tecnomidiáticas. Velhas noções – positivismo e funcionalismo de equilíbrio e de ação social – se veem atravessadas pelas de complexidade bifurcantes, de tal modo que todas as práticas sociais são afetadas por novas formas de contato e de geração de reconhecimentos.

Práticas sociais diversas se acoplam e se interpenetram, segundo entrelaçamentos, fazendo com que campos se desloquem para atividade de circuitos que cuidam de levar adiante sua comunicação tentativa, sem se saber previamente os efeitos. Tais entrelaçamentos de estratégias de pontos de vistas repercutem sobre as condições sobre as quais se funda hoje a noção de referência. Onde estaria a referência, hoje, em contextos nos quais pontos de vista se misturam para constituir a questão da inteligibilidade?

Insistimos um pouco mais a falar sobre a natureza desta etapa da midiatização em processo, para lançar algumas questões sobre seus efeitos sobre o jornalismo, nos dias de hoje. Chamamos atenção para questões que foram lançadas na década dos anos oitenta do século XX, embora suas configurações datem de uma fase mais distante do capitalismo. Lembro o livro que gerou muita discussão – ‘Tudo que é sólido se desmancha no ar’, de Marshall Berman, falecido também em um 11 de setembro, aos 72 anos. Citando Marx, ele destacava a diluição das estruturas consideradas permanente, operada pela reconfiguração produtiva do capitalismo.

Mais ou menos contemporâneo, discutia-se a dissolução dos grandes discursos, do que resultariam em fragmentações e em pequenas narrativas, situando a problemática do pós-modernismo. Momento em que já se aponta para a erosão das estruturas mediadoras, mas também para as transformações das massas em aglomerações, depois coletivos, resultando as pistas de um *neo* individualismo emergente – a do indivíduo apesar dos outros. A este contexto pertence também a obra de Bauman com o enunciado da ‘sociedade líquida’ que funciona como uma excelente metáfora para explicar as lógicas e efeitos do enfraquecimento das estruturas. Conceito que vai muito além das noções daqueles como os de ‘sociedade transparente’, ‘inteligência coletiva’, estas cultivadas nos ambientes das engenharias das redes.

Transformações da sociedade em midiatização sobre o jornalismo

Faremos, de um modo breve, um registro do impacto destas questões sobre o cotidiano da ambiência comunicacional contemporânea, no sentido de ver as articulações, que efeitos da midiatização têm sobre os ‘modos de dizer’ do jornalismo. Antes, porém, insistiremos sobre aspectos que dizem respeito ao cenário da sociedade em midiatização. E, neste caso, chama-se atenção para o fato de que um dos seus principais

impactos tem a ver com a organização estrutural da arquitetura da comunicação.

Se o desenho do processo comunicacional esteve por muitos anos formulado segundo a tríade produção/circulação/ recepção, foi inspirada na teoria funcionalista que foi concebida a problemática da produção de sentidos, em termos de esquemas transferenciais e conscienciais. Tudo repousaria na intenção de um ponto de vista de um autor (a emissão) que se efetivaria nos moldes traçados, na esfera da recepção. Deste modelo, existiriam poucas derivações: o fluxo da comunicação em dois tempos; os usos e gratificações, teorias igualmente funcionalistas que introduziriam um certo tipo de mediador que estaria sempre a serviço do ponto de vista do ator em produção.

Atravessamos muitos anos para constatar que a intercambialidade entre produção e recepção é algo mais complexo do que se dizia, especialmente porque há um desajuste entre P/R³ que não se resolve uma vez tão facilmente segundo apregoava o modelo difusionista, uma vez que ambos lugares trabalham com 'gramáticas' específicas e que, não obstante se contatarem, os sentidos entre elas são distintos, não convergem. Remetem, portanto, a uma abissalidade: a da problemática de um intercambio em desajuste. O modelo funcional e positivista também naturalizou o lugar intermediário, o da circulação, considerando apenas um ponto de passagem entre a E/R⁴ e considerando-a enquanto uma zona de expansão dos signos de E/R. Este modelo orientou por muitos anos práticas de comunicação aplicada, a formação de muitos de nós, o ensino da comunicação e o do jornalismo, sendo também inspirador da noção de *feedbacks* regulatórios...

Em termos mais recentes emergem, inspiradas em epistemologias ternárias, as noções de complexidades, bifurcações, circuitos, etc, via modelos cuja hipótese propõe que processo comunicacional não se faz em torno de uma díade, mas de uma tríade, sendo o terceiro um lugar de articulação entre os dois outros, E/R. Mas não se trata da ideia de fusão entre eles, mas de acoplamentos de complexas articulações entre os dois, que se fazem em torno das diferenças que os reúne, segundo ainda suas lógicas e gramáticas.

Estes modelos ajudam-nos a pensar a complexidade do processo comunicacional, em termos midiáticos, hoje. Ou seja, a relação sistemas institucionais constituídos pelas instituições e os sistemas individuais

³ Aqui o autor utiliza abreviaturas P/R para referir-se aos termos Produção/Recepção.

⁴ Aqui o autor refere-se aos termos Emissão/Recepção.

formados pelos atores, enquanto indivíduos. Trata-se de uma relação de natureza complexa porque reúne dois nichos de produção de sentidos bem diferentes. Diferenças estas que já se manifestam em suas próprias fronteiras-nichos institucionais e os atores sociais de modo geral. Além disso, a circulação deixa de ser apenas uma zona de passagem, na medida em que se desloca para este lugar, agora, a potencialidade da produção dos sentidos dinamizada pelas interpenetrações resultantes da relação entre atores em produção e em recepção.

Não se trata de uma zona limpa, insípida, mas o lugar da produção da diferença entre E/R, uma vez que estas instâncias, carregando suas características distintas, deslocam-se para um novo cenário comunicacional. Este é constituído por outras lógicas, as digitais, originando uma nova dinâmica de circulação, pouco se podendo saber, em termos previsionais, sobre os sentidos e seus efeitos. Trata-se de uma realidade complexa que afasta a linearidade da teoria funcionalista, em um cenário problemático, atravessado por indeterminações.

No contexto da sociedade na qual desponta a internet, a circulação deixa de ser esta região automatizada passando a ser o território que vai acolher uma nova dinâmica interacional, surgindo como uma espécie de campo de batalhas impulsionadas por lógicas diversas, desprovidas de fluxos direcionais. Mas, pelo contrato de multifluxos de muitos para muitos. Neste contexto, a exemplo de outras práticas sociais, aí ingressam também as práticas jornalísticas. Estas ingressam pela força de um novo modo de produção da noticiabilidade e também pela tensão vinda da interação com o mundo dos leitores. Em termos mais amplos, vemos que as condições de acesso ao conhecimento, as práticas sociais e as instituições geradas pela internet têm repercussão nas políticas de geração, controle e disseminação do conhecimento. E também sobre os responsáveis por tais operações.

Os indivíduos têm hoje acesso a dados sobre muitas práticas, tornando-se em espécie de *experts*, à medida que vão gerando auto-informação do seu interesse social (saúde, religião, finanças, segurança, etc). Efeitos também se manifestam sobre o campo jornalístico no que diz respeito ao esmaecimento do trabalho dos seus agentes mediadores. Com o avanço do indivíduo nestes novos circuitos de acesso a dados e de contatos, tem origem uma pseudo-simetriação que envolve fontes e leitores. Os processos de produção já não se encontram mais, apenas nas mãos dos jornalistas, uma vez que parte dos dados em apuração são manejados por receptores e pelas fontes. Estas executam o trabalho da

mediação apropriando-se das regras de codificação deste campo conforme aludido acima, na medida em que seus atores vão se apropriando dos métodos e habilidades até então nas mãos dos jornalistas (vide treinamento de *experts* do mundo judiciário).

A circulação é uma zona 'livre', mas tensionada por agenciamentos que não são manejados por *feedback* regulatório, mas por outros de natureza complexa. A direção do acontecimento não se faz mais em meio a uma ação metodológica que previa resultados, produtos e, desta feita, segue circuitos que levam consigo os campos sociais, retirando-os de suas fronteiras e fazendo-os ingressarem em dinâmicas que os entrelaçam em ações interpenetrantes, cujo exemplo didático é a ação metodológica da nomeada Operação Lava Jato. Os acontecimentos outrora circulavam na zona da recepção. Hoje eles são engendrados na circulação, zona que obriga todas as práticas sociais nela ingressarem para enunciar suas políticas de produção de sentidos.

O acontecimento: dos meios à rede

Vamos apontar alguns registros que vivemos recentemente, nos quais se mostra que a produção do acontecimento se dá na contramão do modelo tradicional. Ou por assim dizer no cenário da circulação. De modo breve, recordemos o caso William Waack. Sua fala emitindo opinião racista foi capturada por uma operação que não estava dentro de seu contexto estrito midiático, mas na grande ambiência da midiatização onde estão instalados todos os elos de contatos e endereçamentos para novas paragens, aqui entendidas como os horizontes ilimitados da circulação; prossegue na circulação, cuja dinâmica gera e leva o acontecimento adiante, desdobrando-o em circuitos e bifurcações fora do controle unilateral de quaisquer mapas, enquanto referenciais.

O vídeo entra em vários circuitos e marcas da circulação e o acontecimento se faz em ato, segundo marcas do tempo presente: num fluxo de 7 horas, o jornalista é retirado do circuito; caso atinge quase que uma dimensão planetária. Títulos de algumas matérias destacam o cenário da circulação, em tempo real, como operador do acontecimento: O G1 aponta para a própria temporalidade do momento na qual o fato se encontra: "A Globo está afastando o apresentador de suas funções devido ao que passou hoje a circular na internet" (G1 – 8/11/2017).

Pouco ou quase nada serve para arquivos, pois o caso circula e se desdobra em circuitos diversos, fora de qualquer ação de *gatekeepers*, fora de um controle linear. Por onde passa, ele vai se desdobrando em

bifurcações que vão gerando novo fato e assim sucessivamente. Dinâmica que não aponta nenhum cenário de previsibilidade sobre o seu estancamento. Ganha *status* de acontecimento segundo as lógicas da cultura digital que vão transformando o objeto imediato em objeto dinamizado pelo trabalho da produção de sentidos.

O acontecimento é paciente de muitas leituras: o *site* da Fórum anuncia que 'caso de WW vai parar na capa de Veja' (10/11/2017). Ao chegar por lá o *YouTube* em depoimento presencial, e em termos assertivos, aponta o lugar onde, por um certo momento, o acontecimento desembarcou: 'está bombando na internet vídeo em que o âncora do Jornal da Globo William Waack começa a xingar as pessoas que começam a buzinar na rua' (10/11/2017). Ao fazer o seu desembarque no acontecimento, VEJA avalia as possíveis causas que geram, em última análise, o afastamento de Waack, ao modalizar afirmativamente, em sua matéria de capa: "O poder fulminante das redes sociais" (15/11/2017).⁵

Transformações da mediação

O exemplo reforça a constatação de que "estamos diante de novas modalidades de circulação dos discursos sociais que vão tomando forma nestes últimos anos como resultado do funcionamento da internet" (Verón, 22-20). A circulação deixa de ser uma 'zona de passagem' para ser transformada num ambiente de interpenetrações discursivas entrelaçando lógicas, valores, ideias, gerando realidades mescladas e não específicas.

Quando pensamos os cenários interacionais que envolvem instituições midiáticas e seus consumidores, na esfera da internet, devemos lembrar que o acesso das pessoas aos serviços ofertados passa por clivagens, e uma delas – que nos parece importante – é o fato de as práticas interacionais se fazerem em torno de lógicas diferenciadas, as dos nichos tecnodigitais e as do mundo da vida, por parte dos indivíduos.

⁵ O próprio William Waack, em entrevista dada ao Estúdio Veja, a qual foi veiculada no Youtube, em 15 de janeiro último, refletiu sobre a perda de controle dos meios de comunicação, dos processos de produção e veiculação. Veja o que ele disse a esse respeito em dado trecho da entrevista: "...na era digital, que nem existia quando comecei na TV, há mais de 21 anos, as grandes empresas estão sendo desafiadas por grupos organizados nas redes sociais, que contestam um papel que foi incontestável, de guardiães da verdade objetiva dos fatos. Não importa o que as pessoas digam nas redes sociais, havia uma referência à credibilidade dos meios de comunicação, e exatamente essa credibilidade, esse papel de guardiães está sendo questionado". A íntegra da entrevista pode ser conferida em < <https://www.youtube.com/watch?v=3ZgxcEYGEjU> > consulta em 22 de outubro de 2017.

Entretanto, dissemina-se a crença de que o acesso é irrestrito e gera intercâmbios simétricos, argumento que vai enfraquecendo as mediações. Até porque estas também se transformam pela força de novos protocolos. Marcas do desaparecimento das mediações já podem ser observadas quando descrevemos as rotinas da produção jornalística, na atualidade. E também quando examinamos os processos formativos de jornalistas, nos defrontamos com novos desenhos metodológicos sobre os protocolos de atuação, alguns dos quais preconizam os efeitos destes novos cenários.

A isso se soma o fato de que efeitos da crença segundo a qual estreitamento de contatos entre instituições e as pessoas seria suficiente para o surgimento de intercambialidades simétricas, certeza que leva o abandono da pesquisa e de processos observacionais mais profundos. Isto afeta também a cultura jornalística e dois exemplos parecem pertinentes para o que aqui se aponta: Neste ano, um fato interno ao mundo do *New York Times* atinge divulgação planetária: o jornal anuncia o fim do *ombudsman* sob alegação de que as relações dele com os leitores poderiam ser feitas, de agora por diante, diretamente pelo jornal ou então, pelo que chamou de um 'clube do leitor'. O jornal põe fora de cena o *ombudsman* como um dos sólidos argumentos instituídos pela cultura do jornalismo em termos de organização empresarial, como possibilidade de construção de vínculos mais estáveis com o leitorado.

Um segundo acontecimento diz respeito ao anúncio da enfermidade da falecida esposa do presidente Lula: o primeiro informe, de caráter não oficial e firmado em termos extremamente graves – foi gerado via *whatsapp*, por uma médica, dentro de uma unidade clínica de um hospital, onde D. Marisa Letícia estava sendo atendida. O fato ganhou o mundo das redes sociais, via compartilhamentos pelo *whatsapp*, e foi dinamizado por um outro médico, sem nenhum vínculo com o caso e que deu a ele outras repercussões, desencadeando comentários de várias naturezas. Tudo à deriva das autoridades institucionais-hospitalares que cuidavam do caso.

Um terceiro exemplo mostra outra modalidade do desaparecimento das mediações em favor de ações comunicacionais entrelaçando lógicas judiciais, midiáticas e policiais, como aqui já mencionado o modelo comunicacional da Operação Lava Jato. Apesar da especificidade de o fato ter uma problemática jurídica, seu engendramento se faz a partir de articulações de operações midiáticas. Apesar de o juiz ser o operador principal, algumas de suas ações estão subordinadas às temporalidades de tecnologias de mídia. Por exemplo, o interrogatório somente tem efetividade quando câmeras e microfones são acionados para o deslocar

do acontecimento da esfera da inquirição para diferentes meios de comunicação.

Há um ano participava de um seminário sobre 'Crime, Liberdade de Imprensa e Democracia', do qual tomava parte também um procurador integrante da equipe da Operação Lava Jato. Para exemplificar a maturação destas articulações de saberes e de conhecimentos de campos diferentes, ele afirmava que os procuradores costumavam se submeter às atividades de *media training* para enfrentar as condições de anunciabilidade dos fatos relativos àquela operação. E que, de fato, um dos grandes desafios significava compreender as diferenciações entre lógicas das mídias e as lógicas jurídicas. Também lembrava que pessoalmente ele costumava auxiliar jornalistas nas questões jurídicas que se apresentavam em suas notícias, mas com o devido cuidado de não alterar seus textos.

Como pensar a temática desta conferência diante das questões:

1) da constatação de que o paradigma digital já está no coração do [nosso] ofício de jornalistas?

2) da atividade das *Fake News* que despreza a importância da referência como um componente altamente indispensável para se prover a vida de inteligibilidades que exige?

3) do empoderamento de redes que levam à polarização?

4) do surgimento do ambiente da pós-verdade que tira de cena as estruturas mediadoras como instâncias de produção de interpretações caucionadas pelo reconhecimento de *experts*?

5) de uma irrupção enunciativa pela qual todos podem falar, opinar e dizer sobre todos, e afirmam ao mesmo tempo poder prescindir das mediações porque já podemos tudo e sabemos tudo?

Concluindo

Duas perguntas para nos ajudar a construção de um até breve. Estando todos na ambiência da midiatização, como sua configuração afeta as rotinas do nosso ensino e aprendizado, considerando a importância deste novo cenário comunicacional bem como a especificidade do lugar acadêmico como lugar suscitador de questões? De que lugar devemos desenvolver processos observacionais que nos ajudem a compreender a mudança do paradigma comunicacional? De quais ferramentas devemos lançar mão, apenas às que descrevam os fenômenos, ou outras pelas quais certificamos de modo afirmativo o que vem sendo de alguma forma, apontado como questões naturalizadas?

Sem dúvida, trata-se de uma realidade complexa e cuja dinâmica requer pesquisa, experimentos, escolhas de pontos de observação que nos afastem das certezas, posições de oferta, e igualmente das aporias dos usuários. O desafio parece ser o ingresso no território da circulação e tentar a compreensão do seu funcionamento levando em conta que as lógicas de oferta e de recepção – instituições e de atores – devem ser pesquisa da perspectiva de estratégias que se interpenetram. Estratégias que nos mostrem e descrevam como estas lógicas se misturam... deixando rastros e marcas de interações tentativas.

Talvez este esforço artesanal nos leve ao acesso de cenários que nos proporcionem uma elaboração mais nova, menos repetitiva, portanto mais provocativa do que vem como já certificado. Lembremos que, a exemplo dos objetos, as teorias têm também os seus modos de existência e de insistência. Alguns deles estão colados aos ambientes políticos e epistemológicos, onde são pensados. Outros podem vir à tona pela nossa forma e inventividade. Pela força de perguntas que podem ser geradas no ambiente acadêmico devidamente situado. Do contrário, corremos o risco de cristalizarmos as lembranças deixadas pelos caixeiros-viajantes que deixaram apenas, rastros do engano e da falácia.

Referências

- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BRAGA, José Luiz (et al.) (orgs.). **10 perguntas para a produção de conhecimento em comunicação**. São Leopoldo: Unisinos, 2013.
- CARLÓN, Mario. **Después del fin: una perspectiva no antropocêntrica sobre la post-tv, el post-cine y youtube**. Buenos Aires: La Crujía, 2016.
- CHARRON, Jean. Los Medios y las fuentes. *In* **Comunicación y política**. (orgs) Gilles Gauthier; André Gosselin; Jean Mouchon. Barcelona: Gedisa. 1998.
- DARNTON, Robert. **O beijo de Lamourette**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- ECO, Umberto. **De la estupidez a la locura: Crónicas para el futuro que nos espera**. Montevideo: Lumen, 2017.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Comunicação e mídia impressa: Estudos sobre a Aids**. São Paulo, Hacker, 1999.
- GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

GOMES, Pedro Gilberto. **Dos meios à midiaticização**: um conceito em evolução. São Leopoldo: Unisinos, 2017.

LUHMANN, Niklas. **A realidade dos meios de comunicação**. São Paulo: Paulus, 2005.

MESQUITA, Mário. A personagem jornalística, *As Ciências da Comunicação na Viragem do Século*, Comunicação e Linguagens, Lisboa, **Veja**, 2002.

MOUILLAUD, Maurice; PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O Jornal**: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.

RODRIGUES, Adriano. **Dimensões pragmáticas do sentido**. Lisboa: Cosmos, 1996.

SIMONDON, Gilbert. **Comunicación e información**: cursos y conferencias. Buenos Aires: Cacuts, 2015.

VERÓN, Eliseo. **El cuerpo de las imágenes**. Buenos Aires: Norma. 2004.

VERÓN, Eliseo; FAUSTO NETO, Antonio; HEBERLÊ, Antônio Luiz (orgs.).

Pentálogo III: **Internet**: viagens no espaço e no tempo. Pelotas: Editora Cópias Santa Cruz, 2013.

